



O Vale dos Espíritas



Atanagildo

O Vale dos Espíritas

Obra psicografada por
Sávio Mendonça



© 2015 – Sávio Mendonça

O Vale dos Espíritos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto:
Margareth Rose Fonseca Carvalho
Revisão de conteúdo: Mariela Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-339-6
1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Atanagildo (espírito)

O Vale dos Espíritos / Sávio Mendonça ; 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2015.

ISBN 978-85-7618-339-6

1. Espiritismo I. Título

11

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Narrativa espírita : Espiritismo : 133.9



Sumário

Apresentação

Introdução

Capítulo 1 – O sentido da vida

Capítulo 2 – Mergulho nas Sombras

Capítulo 3 – Enfrentando a própria consciência

Capítulo 4 – Exigências descabidas: “eu era líder espírita”

Capítulo 5 – Amortecimento da subida e drenagem psíquica

Capítulo 6 – Quando os caminhos são descaminhos

Capítulo 7 – Desviando o real sentido da caridade: o que de fato Kardec tencionou dizer

Capítulo 8 – Uma falsa e fugaz luz guiada pela vaidade

Capítulo 9 – Fugindo de si próprio

Capítulo 10 – Idas e vindas: repetindo as mesmas lições

Capítulo 11 – Conclusões finais: por que devemos buscar o autoconhecimento e a reforma íntima



▲ Apresentação

Caros irmãos:

Ao longo de muitos séculos temos acompanhado a experiência de vários irmãos em suas jornadas existenciais, encarnando e desencarnando, errando e acertando, colaborando com as forças impulsionadoras do progresso espiritual, ou gerando pensamentos e ações que retardam o progresso individual e coletivo dos seres humanos da Terra.

Este trabalho de extrema importância vem sendo realizado por Atanagildo. Ele o faz, primeiro porque foi ajudado várias vezes pela Espiritualidade, quando encarnado na Terra e até fora dela, em ocasiões em que tropeçou e reincidiu em pensamentos e atitudes negativas, próprios de quem percorre as rodas da evolução. Desse modo, acabou por envolver-se com essas egrégoras, vindo a sofrer influência de espíritos que se incomodavam com a ascensão espiritual daqueles que, no passado, haviam colaborado com grupos mal-intencionados ou de preocupações menos dignas. Segundo, porque esse nosso irmão está engajado em grupos de entidade ligados aos Anjos do Carma.

Assim, por gratidão, e retribuindo todo o amparo recebido, começou a pesquisar o percurso de muitos irmãos em suas trajetórias encarnatórias e desencarnatórias, a partir de análises profundas, com objetivo de ajudar a resgatar essas almas e traçar estratégias para orientar reencarnes, sob supervisão de orientadores especializados. Há espíritos que fazem parte de falanges de colaboradores dos Senhores do Carma, anjos com elevado discernimento e capacidade de “leitura de almas”, responsáveis pela direção e coordenação dos processos cármicos da humanidade de planetas que ainda estão sob a influência direta da Lei Cármica, em razão do atraso espiritual em que se encontram.

Para acompanhar os irmãos que habitam os planos físico e astral da Terra, existem vários anjos responsáveis pelos carmas, supervisionados pelo Arcanjo Miguel, sob o comando maior de Jesus. Há uma enorme hierarquia de espíritos alinhados com o raio da justiça que colaboram com esses anjos. Um deles, em especial, tem assumido grandes responsabilidades em auxílio aos Anjos do Carma, nestes tempos de intensas transformações planetárias. Trata-se do irmão Sebastião, nome que lhe foi dado numa última encarnação em terras brasileiras, em que reencarnou como escravo, no início do século dezenove. Sua aura bondosa e sua enorme humildade permitiram que ele tivesse uma passagem anônima entre a maioria das pessoas.

Atanagildo tem participado de um agrupamento supervisionado por Sebastião e dado importante colaboração aos estudos e análises de carmas de muitos espíritos, visando a futuras

encarnações retificadoras, de forma a se integrarem às correntes do Cristo.

A questão cármica é complexa e exige profundos conhecimentos, experiência e sensibilidade quanto à psicologia dos seres humanos. Assim como Atanagildo, há outros colaboradores na Colônia do Grande Coração que a cada dia aprimoram mais o discernimento, a fim de melhor auxiliar Sebastião e seus supervisores que trabalham para os Anjos do Carma.

Como tem ocorrido a outras falanges de trabalhadores do Cordeiro de Deus, dentro de um largo espectro de objetivos, os envolvidos com a questão cármica têm se desdobrado intensamente neste momento de transição. De forma indireta, o trabalho deles está intimamente atrelado à escolha dos da “direita” e da “esquerda” do Cristo e, por conseguinte, à programação reencarnatória dos espíritos que participarão da construção da Terra da Regeneração, dentro do contexto mais favorável possível para uma melhor ventura evolutiva.

Assim, é com imensa gratidão e alegria que inspiro a *Apresentação* desta obra, ressaltando que não há intenção alguma de criticar o movimento espírita; muito pelo contrário. Exatamente por nos sentirmos co-partícipes e co-responsáveis por essa força consoladora, iniciada por Kardec, é que resolvemos trazer à tona experiências de algumas almas envolvidas com o espiritismo, que demonstram a necessidade de reposicionamento de alguns grupos de irmãos ainda não sintonizados com as vibrações da Nova Era Aquariana, mas que já alcançaram certo grau evolutivo em que não lhes cabe mais protelar a reforma íntima.

Que a Luz crítica clareie os vossos caminhos!

Ramatís



Introdução

Queridos irmãos espíritas:

Fazemos parte do mesmo movimento libertador de almas, e assim sinto-me levado a colaborar firmemente com a revisão, não dos princípios e conceitos básicos que permeiam a doutrina espírita, mas de sua forma de compreensão.

Por compromissos assumidos com a Espiritualidade Maior, tenho trabalhado nos estudos e análises de processos cármicos,

visando a dar subsídios aos responsáveis por orientar reencarnações de muitos irmãos, não somente da nossa Colônia do Grande Coração, no Astral terreno, mas de diversas outras paragens. Assim, no nosso labor diário, temos nos deparado com muitos amigos, conhecidos, e outros que não conhecíamos, enfim, irmãos espíritas que teoricamente esperavam desencarnar em melhores condições, mas que acabaram chegando ao lado de cá em situação desastrosa.

O papel do Consolador trazido por Kardec era esclarecer e dar suporte ao novo movimento que se iniciava no século dezanove e que deveria expandir-se nas décadas e séculos posteriores, o que de fato vem ocorrendo. Evidentemente não se esperava que a grande maioria dos espíritas trabalhassem somente o conteúdo intelectual, mas acima de tudo que promovesse a educação dos pensamentos, dos atos e, principalmente, a reforma de seus sentimentos. Não por acaso, o movimento migrou da França para o Brasil. Como parte do Plano Maior de evolução da Terra, escolheu-se o local onde o sentimento cristão encontraria um terreno mais fértil, exatamente para trabalhar-se a transformação íntima e a expansão da sensibilidade e do amor crístico.

Nesse contexto, é válido considerar outro ponto crucial: o uso adequado das palavras de Kardec, ao afirmar “Fora da caridade não há salvação”. Infelizmente muitos espíritas restringem-se à interpretação dessa máxima “ao pé da letra”, quando focam suas ações no auxílio ao próximo, e se irritam ou se melindram se alguém lhes ressaltar isso, deixando claro que o orgulho ainda exerce forte controle sobre seus sentimentos. É válido centrar a vida em ajudar o próximo, mas não se pode esquecer de ajudar a si próprio. É preciso amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, conforme Jesus nos ensinou. Verifica-se com isso a necessidade do equilíbrio da vivência e trabalho com o ambiente interno e externo a cada um.

Observamos muitos irmãos espíritas que, acertadamente, incluem-se no processo da caridade, aplicando o conceito de caridade também para si mesmos; buscando amar-se (sem egoísmo, mas com equilíbrio e serenidade) e esforçando-se para melhorar-se interiormente, além de ajudar a quem precisa. Estes estão no

caminho certo. Há ainda os que, além disso e pelo natural estágio de evolução em que se encontram, realizam a caridade ao próximo mobilizando seus sentimentos sinceros de serviço incondicional e compaixão, e não apenas com atos externos e disciplina mental, por saberem que é bom ajudar. Contudo, existem outros em situação delicada, que ajudam pensando na troca, pensando em serem ajudados por Deus, ou mesmo para mostrar aos outros que são cristãos.

É importante que o espírito encarnado esteja atento, a fim de que não fuja de si mesmo e do contato com suas mazelas no campo do sentimento e dos impulsos primários. Não se pode acreditar que, por mobilizar boa intenção em auxílio a quem necessita de apoio material, ou mesmo espiritual, já tenha garantido seu “lote ou terreno” em alguma colônia astral ligada ao amor cósmico. É preciso que o ser humano, em especial o espírita (por deter mais conhecimento sobre o mundo astral e os princípios doutrinários), não se deixe iludir por atitudes íntimas desajustadas (às vezes escondidas nas profundezas do espírito), como às relacionadas à troca de interesses e favores entre os mundos físico e astral.

A Lei do Carma, em associação com os complexos processos de alquimia interior que visam à evolução individual e coletiva da humanidade, demanda igualmente complexas análises. Acima de tudo, os irmãos comprometidos e sintonizados com a Espiritualidade Maior não fazem julgamento algum a quem quer que chegue ao mundo astral, procedente da vida carnal. A alegoria do Deus julgador, de barbas brancas e semblante endurecido pela “lei” implacável, é mera criação humana. Assim, os caminhos astrais trilhados pelos viajantes que partiram da carne são fruto unicamente do arcabouço mental-emocional desenvolvido pelo próprio desencarnante.

Ao deixar o mundo terreno, o ser humano se depara com a própria consciência. Ainda que fuja dela, as forças subconscientes e formas-pensamento alimentadas por si mesmo serão seus próprios perseguidores, os quais, não raras vezes, se sintonizam com espíritos sofredores ou cobradores de débitos passados, para amplificar o sofrimento do desencarne. Certamente, o orgulho, a vaidade e o egoísmo, bem como o aprisionamento aos

impulsos inferiores, costumam ser a causa maior que favorece o desencarnante a ser tragado por forças negativas alimentadas por ele próprio.

Os Mentores Maiores e orientadores das falanges cristãs no mundo astral, amadurecidos na compreensão da psicologia humana, sabem muito sobre os mecanismos e elementos que compõem as imperfeições humanas e têm ciência de que a evolução não dá saltos. Portanto, repletos de atitude amorável, estão sempre de braços abertos e mobilizam falanges diversas de receptores e resgatadores de desencarnados que desejam realinhar-se ou encontrar o caminho do Cristo, o que terá como pressuposto básico a busca do autoconhecimento e da autotransformação, paralelamente ao serviço ao próximo.

Sabem os mentores que todo filho de Deus deve ser resgatado ou recepcionado nos agrupamentos cristãos do mundo astral, e que muito será exigido a quem muito foi dado. Essa exigência procederá do próprio íntimo de cada um. Cada qual sente, no fundo de sua alma, a autoeducação espiritual de que necessita, o que exige silenciar a mente e o coração, a fim de que seja possível auscultar-se no íntimo: primeiro passo para a tomada de consciência de si próprio, pois com a mente agitada ninguém é capaz de perceber-se. É preciso parar em algum instante do dia a dia para observar-se, ouvir a si mesmo, dialogar amavelmente consigo mesmo.

Nessa direção, cabe a cada um avaliar: se naquele determinado dia ou período da vida vivenciado, houve esforço na medida equilibrada rumo à autoeducação espiritual; se houve esforço excessivo ou se regateou esforço, ainda que tenha tido potencial para avanços (neste último caso, percebe-se o predomínio de forças tamásicas,¹ advindas das energias primárias da Terra, que se associam a energias similares normalmente carregadas pelo ser humano, como comodismo, preguiça, apego a

1 Este termo deriva de *tamas*, uma das três gunas citadas pela literatura iogue. *Tamas* é a energia da manutenção travestida de indolência, inércia, comodismo, apego, medo, depressão e tendência à estagnação. A outra guna é a força rajásica, que vem de rajas, isto é, energia da dinâmica da criação travestida de estresse, nervosismo, indisciplina ativa, violência. A terceira é *sattwa*, que é o equilíbrio, em suas diversas formas de manifestação, expressa pela atividade construtiva, criativa e ao mesmo tempo serena. Gunas são energias que se manifestam no Universo por essas três formas, segundo acreditam as tradições hindu, ayurvédica e iogue; permeiam especialmente a natureza humana.

vícios ou formas-pensamento criadas por si mesmo nas várias vidas, e quase sempre retroalimentadas por desencarnados viciados nas baixas frequências vibratórias, por se comprazerem nelas e delas se alimentarem).

Seria injusto afirmar que não houve progresso espiritual da humanidade e dos que vêm encarnando em terras brasileiras. Sem dúvida, a Terra hoje está melhor do que há duzentos anos. Evidentemente ainda existem locais no plano físico e no Astral terreno em que a primariedade psíquica e material reina temporariamente irresolvida por questões cármicas e necessidade primal de burilamento espiritual das “pedras”, ainda em estado muito bruto, que acabam por sofrer intensos atritos reparadores, através do salutar caminho do sofrimento.

Entretanto, havia por parte dos mentores da Terra mais expectativa quanto aos agrupamentos espíritas. Compreendemos que faz parte da caminhada cultivar a paciência e a tolerância com aqueles que ainda não alcançaram a maturidade necessária para vencer a trilha com disciplina e firmeza de propósito, compatíveis com os conhecimentos e potencial interior que carregam. Desse modo, e por amor ao serviço de construção da nova Terra, tomamos a iniciativa de mostrar como determinadas escolhas de caminhos interiores podem levar uma criatura a retardar o encontro com a verdadeira felicidade.

Longe de qualquer intenção de julgamento, esta obra busca o sincero propósito de auxiliar os espíritas e irmãos alinhados com as diversas correntes religiosas e filosóficas a atentarem para aspectos da vida interior, muitas vezes tidos como meros detalhes, mas que na verdade são de suma importância para a própria evolução: é a sutileza do “caminho das pedras”. Precisamos de trabalhadores prontos para o gigantesco serviço cristão nos planos físico e astral, volume de trabalho que deverá ampliar-se a cada ano e década vindoura. Contamos especialmente com trabalhadores que se agruparam ou que pelo menos se sintonizaram com o espiritismo,² em razão da facilidade de compreensão, de propensão ao terreno fértil no campo do sentimento e da força de vontade direcionada para a reforma

² Espiritismo aqui está contemplando os movimentos kardecistas, umbandistas, os agrupamentos universalistas com base espírita, e grupos similares, que atuam alicerçados por princípios cristãos.

íntima, e, evidentemente, por terem procurado aprimorar-se interiormente, o que favorecerá a maior efetividade no serviço ao próximo, ajudando e ensinando melhor aqueles que se esforçam em exemplificar e vivenciar no seu íntimo a autoeducação espiritual.

Nesta obra, foram adotados cognomes no lugar dos nomes verdadeiros daqueles que viveram na carne as situações aqui expostas, a fim de evitarem-se problemas com seus familiares. Estas narrações visam, acima de tudo, a servir de instrumento de reflexão e contribuir de alguma maneira no processo de reforma íntima daqueles que se encontram encarnados na Terra e que adotam como base filosófica e conceitual os mesmos parâmetros espíritas, nem sempre compreendidos ou vivenciados do modo mais eficiente.

Paz e amor!

Atanagildo



Capítulo

1

O sentido da vida
Relato de Jonair

Já passava das sete e meia da manhã. Eu tinha passado a noite inteira na UTI de um hospital. O derrame que me abateu, havia dois dias, danificara parte de meu cérebro, que não enviava mais sinais aos demais sistemas do corpo. Nessa manhã, os médicos anunciaram minha morte cerebral, aguardando somente o parecer de minha família para saber se podiam ou não desligar os aparelhos que ainda mantinham meus lentos fluxos cardiovasculares, os quais, a cada hora, se desvitalizavam mais, caminhando para o desfecho final do processo de vida.

Na verdade, eu me sentia como se estivesse anestesiado: percebia, com algum discernimento, a movimentação dos médicos e de meus familiares no hospital. Sentia-me ainda ligado ao corpo físico, mas não me dava conta de que apenas meu perispírito pairava sobre ele, sem nenhuma condição de me receber. Percebia, evidentemente, que meus familiares, bem como os enfermeiros, estavam muito preocupados com meu estado de saúde, e que a situação inspirava cuidados redobrados. Percebia, com surpresa, uma certa postura de desesperança por parte dos dois médicos que me assistiam. Somente mais tarde pude compreender que se comportavam assim em decorrência de minha morte cerebral.

Na verdade, naquele momento, eu sentia era medo do desencarne. O acidente vascular cerebral me pegara de surpresa, aos cinquenta e quatro anos, num estágio da vida em que eu era muito produtivo e imaginava que iria viver para lá dos oitenta.

Doze horas mais tarde, minha irmã Cyntia, telefonava para mamãe:

– Mãe, acabo de receber uma ligação do hospital. Doutor Valcyr avisou que Jonair acaba de falecer. Ainda estou em estado de choque. Ele disse que costuma avisar primeiro a esposa, mas, apesar de ter tentado ligar para Creuza, ninguém atendeu. Talvez ela ainda estejam dormindo, por causa do cansaço de ontem. Fique calma, mãe, sente-se um pouco e tome uma água com açúcar!...

Só fui me dar conta de meu desencarne quando vi os enfermeiros desligando os aparelhos, por ordem do médico, e me cobrindo até a cabeça com um lençol. Tentei entrar no meu corpo e não consegui. Lembrei-me de que no dia anterior, à noite, tive-

ra a tradicional revisão da minha vida, com visões rápidas dos principais fatos que me ocorreram, desde que era criancinha até os dias atuais, e aí me dei conta de que esse é um dos principais sinais da morte física. Senti certo desespero quando me vi coberto com aquele lençol, mas de súbito fui arrastado vibratoriamente para minha casa, onde encontrei meu filho Eduardo e minha esposa Creuza dormindo. Eram oito e meia da manhã de uma sexta-feira, 9 de abril de 1993.

Com minha alma livre do envoltório da matéria física, e sujeito aos fortes reflexos do magnetismo astral, era natural que meus impulsos emocionais me conduzissem, por efeito de atração, para aqueles com as quais estava sentimentalmente mais ligado e preocupado. Creuza trabalhava, mas não tinha um bom salário. Eduardo acabara de se formar e procurava emprego havia meses, sem sucesso, apesar de ter uma proposta em vista. É evidente que eles poderiam usufruir da minha aposentadoria de funcionário público, mas ninguém sabia de outros compromissos meus.

Durante anos, tinha me envolvido afetivamente com outra mulher, com quem mantinha uma relação extra-conjugal. Por sua postura um tanto rebelde (ela me falava constantemente que não estava mais aguentando aquela situação e que eu teria de me decidir com quem ficaria definitivamente), com toda certeza Iolanda iria buscar os direitos de pensão do amante recém-falecido. Como advogado, sabia das desastrosas consequências do que eu alimentara e, de certo, haveria processo judicial. Mais do que isso: como ficaria minha imagem na família, no centro espírita que eu frequentara e no trabalho, uma vez que todos me tinham como pessoa da mais ilibada conduta?

Na minha mente começava a instalar-se um verdadeiro turbilhão de pensamentos. A dor na cabeça causada pelo derrame havia desaparecido assim que o pessoal do hospital me cobriu com o lençol. Hoje sei que de fato não havia mais dor física; no entanto, eu a alimentara por efeito psicológico, achando que até então ainda estava vivo. Mas, naquele momento, ela voltava ainda mais intensa. Sentia-me confuso, envergonhado de mim mesmo. Meu amor por Creuza era profundo, apesar de minha postura leviana, arrebatada pelos instintos descontrolados e

pela paixão corriqueira, haja vista Iolanda possuir uma beleza física incomum.

Aos poucos, fui me desligando do meu lar, sentei-me na calçada da rua onde tinha morado por décadas e comecei a chorar compulsivamente, sentindo uma dor descomunal no coração. Sentia-me sozinho e tinha vergonha de ter que encarar o julgamento dos prepostos de Deus. Aquele quadro emocional naturalmente me levava para o Umbral. O magnetismo no mundo astral é impressionante. Basta você modificar o que pensa, especialmente desejos e sentimentos, e é atraído vibratoriamente para o ambiente condizente com aquele padrão de frequência: é como um ímã que nos conduz involuntariamente. No mundo físico temos uma barreira natural, que é o corpo físico, mas no Astral não existe mais essa contenção ou biombo energético.

Quando levantei a cabeça, me assustei porque estava sentado na calçada, quase em frente à minha casa, e de repente me deparava com um ambiente totalmente diferente: sombrio, frio e com várias entidades vagando, chorando, gritando; outras andando com ar de desespero ou em estado mental desorientado. Cena assustadora e incompreensível para mim, pois jamais pensei que um dia pudesse estar ali; além do mais, não sentira ninguém me levar para lá. Imagino que ficara sentado com a cabeça abaixada, apoiada sobre os joelhos flexionados, por cerca de duas horas, enfrentando minhas emoções doloridas e minha mente atordoada por uma avalanche de pensamentos, preocupações, culpas e autocondenações. E foram exatamente essas emoções e esses pensamentos que me conduziram ao Umbral.

Percebi que não podia ficar ali sentado no meio do nada, cercado por entidades perdidas, desesperadas, e outras de aspecto horrendo. Aquele ambiente sombrio e frio me dava medo. Foi quando me dei conta de que não dava mais para lutar pelas coisas que tinham ficado no mundo físico e que eu precisava cuidar de mim. Lembrei-me dos mentores da casa espírita que frequentava, mas, num primeiro momento, me senti constrangido em fazer uma prece e pedir a ajuda deles, face aos meus atos inadequados na vida terrena, especialmente em relação à minha dedicada esposa, o que me colocara naquele instante em um intenso estado de culpa.

Lembrei-me, então, de dois senhores que tinham desencarnado: José Athayde, hávia uns dois anos, e Alexandre, hávia poucos meses, e que também frequentavam o mesmo centro espírita. Eu tinha uma boa relação com eles; conversávamos bastante; sentia-os como bons amigos: um fora assistente dos trabalhos mediúnicos por mais de dez anos, mais ou menos o mesmo tempo que eu participava do grupo, quando então ele partiu para o plano espiritual, e o outro frequentava o centro havia anos e se integrava nas rotinas de estudos, trabalhos mediúnicos, contribuição assistencial a famílias carentes, incluindo ajuda financeira, além de participar das leituras, debates e palestras. Como eu, ambos eram assíduos frequentadores e participantes dos diversos trabalhos enobrecedores da alma.

Lembrei-me, naquele momento, das muitas leituras espíritas e então pensei que não poderia estar passando por aquilo, porque conhecia muito a doutrina, inclusive tinha lido várias obras sobre a força e o domínio da mente, muito comuns nos meios espiritualistas. Concluí: “Puxa, quantas pessoas carentes ajudei, e quantas pessoas ajudamos no centro, nos nossos passes e orientações espirituais...?”. Então pensei firmemente em José Athayde e Alexandre. Pedi a Deus que eles aparecessem para me ajudar a sair dali. Depois de algumas horas, já cansado, com fome e sede, após ter caminhado bastante à deriva, eis que Alexandre veio ao meu encontro, junto com outros irmãos desencarnados.

– Jonair, companheiros da nossa cidade astral que estavam presentes ao seu desenlace carnal nos avisaram e, por isso, saímos à sua procura. Imaginei que também estivesse na mesma região para a qual fui atraído no meu desencarne. Venha se juntar aos nossos! Então você partiu do plano físico!!!... Claro, já imagino, passou pelo mesmo pesadelo que eu e estes dois amigos, ao desencarnar e dar de cara com o Umbral, após caros serviços prestados à doutrina... É, meu amigo, tudo o que lemos e estudamos foi muito diferente do que encontramos. Onde estava o pessoal do Nosso Lar para nos receber? Enfim, a mesma sensação que eu tive, você está tendo agora: de sentir-se enganado. Mas não esquenta! Venha conosco, você vai ver quanta gente passou pela mesma situação! Estamos construindo um